

A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO PÓS-MODERNA

André Luis de Oliveira de Almeida*

RESUMO

O multiculturalismo vem ocupando lugar de destaque entre os temas mais discutidos em educação. Sua evidência no contexto educacional é o que nos faz discorrer sobre uma política multiculturalista dentro da escola, conforme tem sido apontado por muitos autores como Maclaren e outros.

Podemos atribuir ao multiculturalismo vários termos que venham dar a idéia de pluralidade, pois, a multiculturalidade abraça desde posicionamentos de reconhecimento da diversidade cultural sob os olhos do exotismo e do folclore, até perspectivas mais críticas de desafio a processos de construção das diferenças, conhecidas como multiculturalismo crítico.

Esta é uma temática que envolve a consideração do respeito ao diferente e da necessidade de uma educação preocupada com a formação do sujeito para a convivência com o multicultural.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura – Diversidade – Educação - Identidade e Homem

ABSTRACT

Multiculturalism has taken the limelight in educational debates. Its presence in the educational milieu has led us to discuss multiculturalistic policies within the school, a fact that has been commented upon by many authors including Maclaren and others.

Multiculturalism is in fact a tag that refers to many pluralistic views since that which is multicultural varies from a position that acknowledges cultural diversity seen in the perspective of exoticism and folklore, to more critical outlooks that challenge the process of constructing differences known as critical multiculturalism.

* Pedagogo pela Faculdade Adventista de Educação do Nordeste, atuante em escolas da educação básica no Recôncavo Bahiano. Tel.: (75) 638-2140 E-mail : andre@hotmail.com

This is one theme that need to be considered for the school in the formation of yours students.

KEY WORDS: Culture – Diversity – Education - Identity and man.

INTRODUÇÃO

O multiculturalismo vem ocupando lugar de destaque entre os temas mais discutidos em educação. Sua evidencia no contexto educacional é o que nos faz discorrer sobre uma política multiculturalista dentro da escola.

Podemos observar com o passar do tempo, e mais precisamente no final das últimas décadas, que a sociedade brasileira vem sofrendo transformações que irão influenciar no seu comportamento, na sua cultura, na economia, nos seus costumes etc, é um verdadeiro *boom*, é uma explosão de liberdade que toma conta do país. São as inovações tecnológicas que passam a controlar os passos da nação, onde a valorização das máquinas herdadas do séc.XIX dá espaço à revolução tecnológica, na qual, o homem resgata seu valor, ou seja, o homem é o ser em ascensão, é o centro.

Nesse caminho de progresso e evolução, notamos que as informações chegam ao homem de forma mais veloz e em maior quantidade, obrigando-o a mudar seus costumes. O homem passar a encarar com outros olhos todas essas informações que a ele são transmitidas, e cabe ao mesmo nesse momento, saber transformar essas informações oriundas das mais diversas fontes de comunicação em conhecimento, ou seja, um conhecimento sistematizado e direcionado para a melhoria da sociedade, melhoria de um povo e de uma nação.

Desse modo, podemos dizer que uma onda multicultural toma conta da sociedade, pois, o que vem se observando é uma mudança na forma de comunicação e manifestação de toda a sociedade, onde cada grupo cultural começa a valorizar mais as suas origens e as suas potencialidades, é uma mudança na forma de se expressar, de ler o mundo e de captar essas informações vindas do seu próprio seio, uma sociedade que começa a criar novos espaços para o seu desenvolvimento, e essa mesma sociedade precisa de novos homens, homens aptos a usufruir e alimentar essa nova onda, na qual autores como (Peter McLaren 2000) “apontam que a tensão entre pluralidade étnico-cultural e a necessidade política de justiça universal constitui-se a questão do novo milênio”. Dessa forma, a escola que é fundamental para o progresso de uma nação necessita promover uma forma de respeito às ações do homem, que atenda as exigências profissionais atentando para diversas dimensões da personalidade: intelectual, emocional, afetiva, física, moral e social.

Cabe a escola ser o lugar do aprendizado e da apropriação do saber acumulado de uma sociedade ou de uma cultura, para poder depois frutificar na vida. Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) trazem essa temática para o centro das discussões através de um dos seus eixos transversais. O tema da Pluralidade Cultural, que traz à tona a necessidade de se levar em conta

esta dimensão no cotidiano escolar.

Podemos dizer que a problemática da diversidade cultural e a construção das diferenças fazem com que tenhamos uma visão de cidadania multicultural, coesa e coerente, trabalhada em discursos e espaços dentro os quais a educação e a formação docente emergem com muita força. Estes estudos nos levarão a ter uma nova visão na formação dos currículos, pois, os currículos que por hora estão em vigor ainda sustentam uma visão monocultural, e com essa discussão, queremos novas configurações, propor novos olhares, reconhecer e valorizar as identidades culturais dentro desse novo currículo.

Dizemos então que o indivíduo é na realidade algo isolado, mas, é ele mesmo um coletivo se auto-organizando no seio da inteligência coletiva e, ao mesmo tempo participando da sua incessante produção. Observa-se porém, que quando falamos de inteligência, não estamos falando somente de processos cognitivos, mas também, de embates, negociações e acordos, entre processos afetivos, pulsionais, naturais, sócio-técnico etc., tanto no âmbito pessoal quanto na coletividade. É nessa perspectiva que situamos a inteligência coletiva, e por sua vez, nada mais é do que o multiculturalismo, o espaço dinâmico das interações entre conhecimentos e os membros dos coletivos inteligentes, não fixados em território ou status, é um terreno onde vai funcionar a humanidade hoje, é um novo espaço de interação humana que ganhará uma importância enorme sobretudo no plano científico e econômico. Certamente, essa importância vai se ampliar a diversos outros campos do conhecimento, como por exemplo o campo da pedagogia, artes, políticas etc., onde se objetiva o enriquecimento e o reconhecimento mútuos das

pessoas e de suas competências.

Com a diversidade cultural surge uma perspectiva nova, que já vem promovendo a construção de um novo espaço de relação, o espaço multicultural. Nesse espaço, as relações já não são mais do tipo uma cultura para muitos, mas descentrada, onde muitas culturas se comunicam com muitos ao mesmo tempo. Ela vai permitir, a constituição de formas de organização econômica e social referenciadas na inteligência coletiva e na valorização do humano em sua diversidade e variedade. Surge uma nova possibilidade de reconstrução do laço social, a partir do espaço do saber, que por sua vez já foi muito degradado pela mídia monopolizadora e tendenciosa que afeta a sociedade. O desenvolvimento de “uma engenharia do laço social”, ou “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar o máximo a diversidade das qualidades humanas” (Pierre Levy 1997). De certa forma ainda dependemos muito da crítica que os indivíduos venham fazer desse novo espaço, pois ainda existe uma resistência muito grande daqueles que dominam a sociedade.

Toda essa onda revolucionária que vem afetando e mudando o nosso contexto, faz parte do novo modelo mundial, é a revolução tecnológica, onde os conhecimentos não são obtidos apenas pelos mestres como acontecia em séculos anteriores, ou seja, só os professores tinham acesso ao conhecimento e transmitiam-nos para os alunos de forma clássica, essa revolta cultural transforma a escola em uma palavra, a *informação*, e é por isso que os docentes têm que estar preparados para essa mudança, para essa nova política interdisciplinar e transdisciplinar, pois as informações são muitas e os alunos as obtêm do mesmo jeito que os professores, e dessa maneira, o professor

não deve se deter apenas ao conhecimento específico da sua disciplina e sim se apegar a diversos conceitos que vá ajudá-lo em sua prática docente. Esse processo funciona como se fosse uma das leis da física, onde vários raios culturais convergem para um ponto em comum, ou seja, a escola, e na escola esses raios são processados e preparados para serem divergidos da escola para cada segmento da sociedade. Diante de todo o quadro já exposto cabe salientar o interesse em pensar qual o verdadeiro significado cultural disso. Pois, o que se espera desse novo espaço de conhecimento, é que todos tenham o mesmo direito e possam desfrutar das mesmas regalias numa espécie de igualdade de termos.

Portanto, o que podemos esperar desse novo espaço do saber, é que, com a sua criação, surgiu também um novo indivíduo dentro da sociedade, um indivíduo que não vai mais se deslocar diante de sua própria cultura, e sim, todas as culturas deslocar-se-ão diante dele, como um caleidoscópio que vai se desdobrar diferentemente para cada indivíduo. Os indivíduos vão participar da redação de um hipertexto cultural à medida que não vão estar no lado passivo, diante de uma imposição cultural, ou seja, estático, uma vez que ele terá diante de si, não uma mensagem cultural estática, mas, um potencial de mensagem.

Então, o espaço multicultural dá idéia de que toda leitura do cosmo, é uma escrita em potencial, e com isso, assistimos uma desterritorialização das culturas, enfim, de tudo o que é documento: tanto as culturas como a mensagem se torna matéria, como se fossem fluxos, justamente porque o suporte deles não é fixo, porque no seio do espaço multicultural qualquer elemento tem a possibilidade de interação com qualquer outro elemento

presente. Então, isso não é uma utopia daqueles que experimentam, daqueles que conhecem e participam do mundo multicultural. É como se todos as culturas fizessem parte de uma só cultura, só que a hipercultura, tem um autor coletivo, e que está em transformação permanente.

O espaço multicultural encontra-se na origem de uma nova arquitetura, de um novo urbanismo. Poderíamos dizer, até de uma nova política, porque se trata de uma nova polis que está se constituindo. É assim que pedagogos, artistas, psicólogos etc., que geralmente se preocupavam com esses fenômenos, passarão a dar uma nova e mais rebuscada atenção a essas questões tão pertinentes em nosso cotidiano.

É interessante salientar que novas possibilidades se abrem com a ascensão dessa inteligência coletiva, ou seja, estamos juntos numa potencialização da sensibilidade, do pensamento, da percepção, da imaginação e tudo isso graças a essa nova forma de cooperação e coordenação que o pensamento multicultural traz, trata-se portanto de uma relação social que vai auxiliar na aprendizagem e na aquisição dos saberes necessários. Desse modo o inimigo a ser evitado é o isolamento, a falta de compartilhamento, a separação, por isso, devemos procurar meios que promovam a coletividade dos saberes e das inteligências, pois esses meios irão promover autonomia no indivíduo e nos grupos, onde o inimigo a ser combatido é a dependência.

Com essa proposta queremos levar à escola, a modernização em sua forma de ensinar os saberes, pois, as informações são muitas e estão à nossa volta, a revolução tecnológica nos trouxe para esse novo campo de conhecimento, cabe aos docentes saber transformar essas informações

oriundas dessa revolução tecnológica em conhecimento e com isso promover o crescimento intelectual do homem, deixando de lado aquela velha conversa de que quanto mais analfabeto um povo melhor para a manipulação. Num mundo globalizado, nenhum país quer perder o bonde da história, e condenar sua população à pobreza e à exclusão social, isso significa condenar a própria nação ao limbo do mercado.

Nós podemos observar que o papel da escola vem mudando com muita rapidez, ou seja, antes a escola tinha apenas que promover o ensino/aprendizagem, e hoje, se delega à escola várias funções para quais ela ainda não está preparada para exercer-las, como por exemplo, a questão dos valores, questões étnicas e o próprio multiculturalismo. Dessa forma, é que, os educadores têm que procurar inserir na escola uma política que procure trabalhar com questões multiétnicas, multirraciais e multiculturais.

Isso porque a escola é uma instituição que dispõe de um privilégio, ao qual as outras instituições não dispõem, que é o poder da integração e o poder de despertar em cada aluno o respeito às individualidades, particularidades e singularidades que cada indivíduo tem, e que serve como característica principal da bandeira cultural que ele carrega.

Esse trabalho multicultural vai levar o aluno a conhecer outros mundos através do conhecimento de outras culturas, vai fazer com que ele desenvolva uma responsabilidade étnica e social, vai levar o indivíduo a ser mais humano. O multiculturalismo serve para dar uma maior identificação a um país, pois através dele vamos estudar as várias culturas e vamos ver a identidade cultural, social e econômica, bem como os seus hábitos e tradições

também vão servir para se constituir em elementos fundamentais para identificar um país.

AS IDENTIDADES NO MULTICULTURALISMO

O cotidiano da contemporaneidade destaca-se pelas fontes plurais de conhecimento, ou seja, alguns saberes estão justificados pela empiricidade científica, já outros conhecimentos destacam-se pela razão do ser e alguns conhecimentos ainda estão no forno dos saberes sendo preparados para continuar a sustentação das sociedades através dos saberes, que por sua vez todos esses conhecimentos convergem para a escola.

Diante dessa afirmação fica-nos um questionamento, como estaria a escola trabalhando toda essa multiplicidade de valores, diante de tantas identidades juntas. Nessa perspectiva, torna-se fundamental refletir sobre as tendências curriculares que estão sendo trabalhadas no espaço escolar, pois, como sabemos, as inúmeras propostas curriculares elaboradas no país não expressam um caráter multicultural, e é essa a preocupação maior de nós todos, pois, como se sabe, os indivíduos hoje são mais frutos da educação, do que da sociedade, e se temos uma escola com uma proposta curricular monocultural teremos indivíduos e identidades monoculturais e se tivermos uma escola com uma proposta curricular multicultural teremos indivíduos e identidades multiculturais.

Isso nos leva a aceitar um conceito de (Bauman, 2000) onde se salienta o caos que algumas ações trazem para a sociedade, dessa forma, acreditamos como o autor, que trabalhar com a questão das identidades é algo muito complexo, pois tendemos a imitar as ações de um

“primeiro idealizado” em nível político, econômico, social e cultural.

Nesse momento, o indivíduo passa a ter um destaque em especial, pois, ele passa a ser à base da sua própria modificação na pós-modernidade, diante de um quadro em que as significações vêm sendo formadas ao longo dos tempos, seja ele de cunho social, econômico e cultural, ou seja, ocupando várias posições como sujeito, apresentando diferentes aspectos identitários que não se unem e que por sua vez apresentam crescimento desigual, aproveitando assim o terreno da pós-modernidade como um importante palco para esse debate complexo, “no qual se deve substituir um pensamento que isola e separar, por um pensamento que destingue e une”, segundo Morin.

A forma com que as escolas ainda trabalham, valorizando as idéias modernistas, preconizando os conceitos e assumindo aquela verticalização nos saberes, faz com que se torne muito complicado trabalhar com as identidades culturais no mundo pós-moderno, essa é uma barreira que os estudiosos do assunto não encaram como um empecilho para a realização de uma proposta curricular multicultural, na qual a simplicidade não exprime a diversidade contida num todo.

Mesmo sabendo de todas essas novas idéias de preparação de um indivíduo para a vida, idéias que preparam para se viver em cidadania e assim poder desenvolver de forma mais contundente os valores, vemos que o trabalho que vem se realizando nas instituições escolares deixa muito a desejar, isto é, estamos acostumados a ver o ensino montado em uma base que se diz nova, e que na verdade é o puro tradicionalismo exercendo o seu poder de fato. O que se constata nas escolas hoje

é um desfile de múltiplas manifestações culturais: as identidades. Mas, na realidade não está se fazendo muita coisa para que se tenha uma proposta multicultural de ensino, e essa negação a diversidade só faz reafirmar os comportamentos preconceituosos e fragmentar as relações, isolando os grupos. Esta dificuldade em contemplar a diversidade na prática pedagógica indica a real necessidade de reformulação na formação desse profissional de educação.

Existe um desafio para aqueles que trabalham e desejam trabalhar com a multicultural, pois, esse é um processo inacabado e que pode ficar nessa mesma perspectiva sempre, haja vista que o nosso cotidiano caminha a passos muito largos e de forma frenética, com isso vão se criando e recriando no desenrolar do espaço do tempo, por isso mesmo que a cada momento nos deparamos com identidades diferentes, seja ele em qualquer espaço social e disso não podemos fugir, o que devemos fazer é tentar reelaborar o nosso conceito de identidade e coloca-las à disposição para a harmonização dos povos envolvidos direta ou indiretamente, tudo dentro de um processo híbrido.

É baseado nessas idéias que devemos procurar montar um currículo voltado para as diversas identidades culturais, onde poderemos resgatar uma infinidade de características que serão de bom proveito para a sociedade, pois, esse resgate mudará o conceito de valores, fará nascer das cinzas discursos silenciosos e elevará o homem ao seu pleno convívio dentro da sociedade, legitimando todas as características pertinentes de cada um. Essa é uma nova proposta que vai elevar ainda mais o conceito da escola como uma instituição democrática, pois é a partir da escola que formaremos homens multiculturais.

REPRESSÃO SIMBÓLICA NA CULTURA

O que iremos abordar nesse momento, trata de uma questão que vai mexer com a educação de um povo, um povo que esteja situado em qualquer época ou qualquer lugar, pois, trataremos da educação como uma situação que vai abordar o seu verdadeiro papel dentro da sociedade, um papel que será determinado pelo seu verdadeiro valor histórico ou por interesse de algumas minorias, isso nos leva a entender a sociologia educacional, ou seja, uma sócio-lógica, desde que tenhamos uma visão de que a educação não é uma variável da sociedade, e sim, o processo inverso, ou seja, a sociedade como uma variável da educação, que tanto pode produzir homens monoculturais e multiculturais, desse modo, poderemos entender a universalização e os particularismos que acontecem nas políticas educacionais, se não, vejamos.

Por isso, cada grupo de proposições começa sempre por um enunciado universal (todo poder de violência simbólica..., toda ação pedagógica) e termina por uma aplicação particular, expressa pela fórmula, uma formação social determinada” (Demerval SAVIANI, 2001).

Nota-se também, que a dominação cultural, procura camuflar-se de forma muito precisa, para que a mesma, possa se infiltrar em todas as sociedades, sem se preocupar com a formação ou divisão social. Na verdade, o axioma fundamental que afirma e legitima essa teoria de violência simbólica, se perpetua de maneira crucial no sistema de ensino, pois, é através da ação pedagógica, da autoridade pedagógica e do trabalho pedagógico que é disseminada toda a proposta de inculcação de uma cultura dominante nos seios de todas as outras culturas que se encontram em

desvantagem, e dessa forma, podemos notar a especificidade com que age a teoria, ou seja, ela procura fazer a sua divulgação de forma sutil e sem que a percebamos e para isso ela usa o segmento educacional.

O saber é uma mercadoria indispensável ao domínio produtivo, sendo o desafio maior, talvez o mais importante, na competição mundial do poder, afirma (Lyotard, 1998). Mediante a importância dada ao saber, a escola não mede esforços para reforçar os conhecimentos valorizados pelo mercado mundial, assim como as múltiplas identidades que tais mercados vendem pela transmissão contínua de informações. Observa-se que a escola, assim como o seu currículo, reflete o interesse da classe dominante por meio de um currículo arbitrário, que oculta as distintas culturas e identidades presentes na sala de aula e na sociedade. A instituição do saber continua a desenvolver uma educação monocultural, com posturas nada democráticas na difusão dos conhecimentos. A diversidade cultural ainda é associada ao outro, ao exótico e ao diferente.

Um fenômeno que acontece em todo e qualquer meio social, é a relação que existe entre seus membros, seja ela de qual forma for, e uma dessas formas, é a relação de força material, nas quais, podemos engrandecer ou dissimular um grupo ou classe social, mas, o que é público e notório para os nossos olhos, é a dissimulação de pequenos grupos culturais em vista à determinação e o reforço de um grupo social que detem o poder, que por sua vez, vem da relação de força material onde quem tem um maior poder econômico, terá uma dominação cultural, ou seja:

Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como

legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força (BOURDIEU & PASSERON, 1975).

Dessa forma podemos dizer que a violência simbólica existe das mais variadas formas possíveis e o que nos chama a atenção, é a questão da educacional, na qual a educação deveria funcionar como uma fonte de libertação, como uma das formas de ascensão social e divulgação das mais variadas culturas, ela se torna uma fonte de manipulação e de imposição cultural, como afirma:

Para isso, partindo, como já disse, da teoria geral da violência simbólica, buscam explicitar a ação pedagógica como imposição arbitrária da cultura dos grupos ou classes dominantes aos grupos ou classes dominados (DEMerval SAVIANI, 2001).

Mas a herança e o ranço dessas políticas educacionais excludentes vem de outrora e que vem se confirmar mais ainda com o avanço avassalador do capitalismo e que se reafirma como “um poder arbitrário de imposição que, só pelo fato de ser desconhecido como tal, se encontra objetivamente reconhecido como autoridade legítima” (Bourdieu & Passeron, 1975).

UMA VISÃO PÓS-MODERNISTA

Na Educação, o Pós-Modernismo ainda não é tão definido como aparenta ser, isto é, ainda não se está trabalhando com a valorização da diversidade, do companheirismo e da integração dos grupos ou classes sociais, o trabalho que por hora é desempenhado valoriza muito a questão unitária das coisas, é uma desvalorização constante daquilo que se considera diferente de um modelo pré-determinado, na verdade as raízes modernistas

ainda estão em muita evidencia, pois, uma grande leva de educadores quando encontram-se em dificuldades nas questões educacionais logo recorrem ao modelo tradicional, que é um reflexo da educação modernista.

E com essa nova perspectiva criacionista de políticas educacionais voltadas à legitimação da diversidade, o pós-modernismo passa a ser uma mola de sustentação para que a escola venha a se desenvolver a passos largos no que se refere à educação multicultural. É um fluxo constante de crescimento e de enraizamento da teoria pós-modernista tanto em uma perspectiva filosófica como educacional, firmando-se ainda mais como um verdadeiro aliado para se trabalhar questões relacionadas à ética, etnia, religião etc..

Seguindo a corrente educacional pós-modernista, pode-se destacar a sua importância no cunho social, pois, a proposta pós-modernista vem suscitar e trazer a tona uma questão que nos aflige diretamente, que é a questão das desigualdades sociais. A influência pós-modernista vem mostrar a igualdade existente entre os indivíduos, vem tirar o mito da classe dominante sobrepor-se a uma classe dominada, vem mostrar a realidade como fato e experiência trazendo o conhecimento para todos, sem distinção de classe, o conhecimento como uma riqueza inigualável. Partindo do citado acima, é que perguntamos, qual o papel social da escola dentro de uma sociedade de multifaces que se digladiam buscando a sua afirmação?

As constantes mudanças que o mundo vive, nos leva a refletir sobre o currículo escolar, onde a proposta conteudista cai por terra. E se começa a traçar propostas para uma educação nova, uma educação envolvida com agentes de mudança e contextualizada. Dessa forma, concluímos que a

função social escolar é transformar, construir e reconstruir o homem para viver, são preparações para a vida, é a integração do indivíduo no laço social.

Aliado a proposta pós-modernista podemos notar uma dualidade, ou seja, ensino tecnicista x ensino construtivista, na qual a proposta construtivista se alia e se define como uma das perspectivas apresentadas pelos teóricos pós-modernistas, pois, tal proposta vem trazer o conhecimento para o homem a partir de sua vivência e da sua própria busca, ainda assim, trata-se do conhecimento construído por humanos, um conhecimento conjectural e falível, crescente através da exposição.

O que fica claro para os estudiosos do assunto é que o pós-modernismo se aproxima e se define como uma proposta sociocultural de valorização das minorias, de igualdade e de compartilhamento do conhecimento, pois, é através desses preceitos que os homens se tornarão homens.

CRÍTICA E PERSPECTIVA

A investigação dos procedimentos que a escola utiliza para se trabalhar com a diversidade de alunos é uma questão muito complexa, pois, nós sabemos que a complexidade existente dentro de uma escola é imensa, e que os feixes de conhecimentos trazidos pelo corpo discente parecem convergirem para um só ponto, ou seja, há uma singularidade em cada um ali presente, são culturas diferentes convivendo em um mesmo espaço, culturas que brigam para continuar perpetuando a sua ideologia.

Visa-se também subverter a ordem pedagógica, transformando a escola em um lugar que não sirva apenas como um local de apropriação de um saber acumulado, um saber sistematizado

de uma cultura e de uma sociedade, subentendendo-se que esses conhecimentos depois irão legitimar-se em prol de uma sociedade e sim em um lugar que se valorize a vida e se questione as condições em que a vida se realiza numa proposta de transformação da vida, através da valorização cultural que cada um tem.

De fato, a problemática da diversidade cultural e da construção das diferenças tem sido trazida em uma visão de cidadania multicultural, legal, concreta, negociada em discursos e espaços dentre os quais a educação e a formação docente emergem, com força. Estes estudos têm tencionado o campo do currículo, trazendo novas configurações e propondo novos olhares, voltados ao reconhecimento e valorização de identidades culturais apagadas ou negadas em estruturas curriculares monoculturais. A partir dessas considerações, o presente trabalho busca situar a emergência do multiculturalismo como campo de pesquisas no contexto educacional brasileiro, mais especificamente no campo do currículo e da formação docente - considerados espaços discursivos privilegiados na formação de identidades.

Desse modo queremos fazer também uma educação crítica, uma educação de dialeticidade, onde a escola possa abrir as portas, para que a vida comum, a vida externa entre em seu interior e que, da mesma forma, a escola possa penetrar no seio da sociedade, onde ambos travarão uma guerra de saberes, saberes teóricos e comuns, que não terá nenhum vencedor, ambos se completarão, ou seja, se unirá a sistematização da escola com os vários estilos de vida em que o mundo se esconde.

Com isso queremos trazer para dentro das

escolas a vida daqueles que são os mais desfavorecidos dentro dessa sociedade excludente, isso vai levar a escola a cumprir um papel mais do que importante na vida dos indivíduos, que é, transformá-los para viver nesse mundo desigual, transformá-los para mudar o mundo e para serem cidadãos.

A transformação não vai mudar apenas a vida, vai mudar o sujeito, tornando-o livre, capaz de pensar a sua prática individual e social, bem como relacionando a vida local com a global, tirando proveito das experiências da vida, e dos vários conhecimentos sobre ela para daí se poder montar uma estratégia para o seu projeto de vida.

Tendo em vista que os elementos culturais, são e sempre serão uns dos divisores de água que ainda diferencia o processo educacional no país, pois, o efeito cultural age e está expresso nas várias formas de pensar, sentir, agir e de ser do aluno. Com isso, pretendemos fazer uma configuração dentro de uma cosmovisão, portanto as análises feitas sobre o tema poderão nos influenciar na gestão dos mecanismos ao qual a escola está inserida, que são: a política, a economia, os valores e a sociedade.

CONCLUSÃO

Quando propomos estudar a fundo como as escolas estariam trabalhando a questão do multiculturalismo no seu interior, partimos da seguinte idéia, que, se a escola sabe diferenciar cada cultura ali presente no mundo escolar e da mesma maneira, a escola sabe trabalhar com cada uma delas, respeitando as singularidades e potencialidades que cada um traz consigo, podemos dizer que essa escola se encontra no rol das escolas que chamamos de eficazes, pois, o seu trabalho de

valorização das individualidades mostra como a escola está cumprindo o seu papel democrático, mostrando que esse tipo de comportamento vai induzir os atores envolvidos na educação a saberem respeitar as particularidades que cada um traz e ao mesmo tempo, procurar conhecer o outro lado, o lado de um indivíduo diferente.

Da mesma maneira que também precisamos de mais presença da vida extra-escolar dentro da vida intra-escolar para que a mesma possa trabalhar da melhor maneira possível as questões que afligem a população estudantil e que afetam no seu aprendizado. O mesmo motivo do estudo das culturas dentro das escolas vai servir para que as pessoas tenham um conhecimento prévio de cada forma de vida que os indivíduos têm e que não são iguais a sua, fazendo com que as pessoas criem um certo respeito pela vida alheia e ao mesmo tempo estimule a questões axiológicas.

Outro ponto que nos chama muita a atenção, é a questão de já virem prontos os currículos, das fórmulas já virem determinadas, onde os professores cumprem essa tarefa sem constentação, causando um descompasso e um declínio no processo educacional, e essa mudança deve acontecer para que o indivíduo possa fazer parte da construção do conhecimento e promovendo o crescimento dos agentes envolvidos nesse processo. O multiculturalismo é uma das vertentes pedagógicas que vai transformar a escola em potencial emancipatório de uma sociedade, criando um sítio de luta, excluindo uma cultura predatória, dominadora e manipuladora que por vezes é muito cruel com a sociedade.

De tudo o que vimos nos trechos acima podemos afirmar com certeza de que as várias correntes culturais que estão impregnadas na escola

podem ser transformadas em conhecimentos e saberes necessários à vida do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Mec/Sef, 1997.
- GHIRALDELLI JR, Paulo, et al. *Estilos em Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 1997.
- LYOTARD, J.F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- MARANGON, Cristiane; LIMA, Eduardo. *Os novos pensadores da educação*. Nova Escola: pp. 18-25, São Paulo, agosto 2002.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 2000.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de, et al. *Redes Culturais, diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2001.
- KNIGHT, George R. *Filosofia e Educação, Uma introdução da perspectiva cristã*. São Paulo: Imprensa Universitária Adventista, 2001.
- SAVIANE, Dermeval. *Escola e Democracia: Polemicas do nosso tempo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.